

AUGÉ, MARC. NÃO LUGARES: INTRODUÇÃO A UMA ANTROPOLOGIA DA SUPERMODERNIDADE.

Lamia Jorge SAADI TOSI¹

Apresentação

Traduzido para a língua portuguesa por Maria Lúcia Pereira e editado pela Editora Papirus/Campinas (SP), em 2012, a obra de Marc Augé, professor na *École des Hautes Études en Science Sociales*, traz ao público brasileiro uma intrigante reflexão sobre o papel daqueles lugares nos quais permanecemos em trânsito, em espera ou apenas de passagem. Não lugares se consolidam na contemporaneidade supermoderna e tendem a exercer uma espécie de efeito dissolvente sobre a maneira pela qual nós nos relacionamos ou pensamos nossa identidade e a representamos.

Essa desconcertante constatação opera uma verdadeira mutação na análise antropológica na medida em que a localização e a interação dos indivíduos que formam comunidades, suas relações de identidade e seus espaços de representação compartilham e ultrapassam matrizes espaciais específicas das culturas e apresentam outras mediações marcadas pela presença de não lugares que se intensificaram recentemente.

Uma antropologia para a supermodernidade

Não lugares é o termo que Marc Augé emprega para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer identidade. Para trabalhar com o conceito de não lugares, Augé inicia sua obra discutindo como a Antropologia analisa e interpreta a sociedade atual.

Segundo o autor “a Antropologia sempre foi uma Antropologia do aqui e do agora.” Em *Não lugares*, Augé define a questão da Antropologia da contemporaneidade tanto quanto a da supermodernidade, poder-se-ia dizer que esse é “o lado ‘cara’ de uma moeda da qual a pós-modernidade só se nos apresenta como o lado ‘coroa’ – o positivo e o negativo e o negativo respectivamente”. (AUGÉ, 2012, p.33).

Augé procura realizar uma reflexão renovada sobre a Antropologia na contemporaneidade ante o deslocamento de uma discussão que deslizou do método para se

¹ Lamia Jorge Saadi Tosi, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da FFC / UNESP – Marília na área de concentração Cultura, Identidade e Memória. e-mail: lamiajorgesaadi@yahoo.com.br

fixar no objeto, um objeto que requer novos métodos. É dessa mudança de foco, que o autor se afasta do termo pós-modernidade, e elege a palavra supermodernidade para discutir a ideia de comunidade como modalidade de vida mediada pelos laços de solidão.

A supermodernidade se distingue por meio daquilo que o autor chama de “figuras de excesso”, ou seja, a superabundância espacial e a individualização das referências, que nos remetem à necessidade de compreender a transformação das categorias de tempo, de espaço e de indivíduo. A transformação operada nos objetos pela supermodernidade coloca em discussão o próprio estatuto da Antropologia e sua capacidade de apreender sociedades complexas em movimento.

Augé rejeita o termo pós-modernidade porque seu emprego, notadamente pela antropologia norte-americana, confere uma noção de ruptura inexistente. Enquanto o termo supermodernidade indica continuidade e possibilidade de apreensão desses objetos quando não se abandona a temporalidade e quando os colocamos justamente como mais do mesmo. O autor entende, ainda, que o termo pós-modernidade é limitante na medida em que é mais descritivo do que analítico, mais enunciador de diversidades humanas e sociais do que sinalizador daquilo que não pode ser entendido de forma fixa, mas se constitui em traço comum na cultura e na identidade dos seres humanos. Ademais, supermodernidade promove um retorno a elementos de nossa cultura que estão presentes desde o século XVIII.

Tempo, espaço e individualidade: categorias marcadas pelo excesso

Para conferir algum sentido ao presente, o autor trabalha com hipótese da renovação da categoria tempo que, para ele, se concretiza no aceleração da história pelo excesso de informações e das interdependências do “sistema mundo”. É nesse sentido que ele se contrapõe à perspectiva pós-moderna para a qual atribui a chancela da perda da inteligibilidade da história em virtude da decadência da ideia de progresso.

Augé afirma que o excesso de espaço remete paradoxalmente ao encolhimento do mundo, e essa aparente ambiguidade altera escalas que incidem, em termos planetários, sobre concentrações urbanas, migrações populacionais e contribuem para a produção de não lugares. Esses não lugares se materializam: nos aeroportos, nas vias expressas, nas salas de espera, nos centros comerciais, nas estações de metrô e também nos campos de refugiados, ou seja, “lugares” por onde circulam muitas pessoas e bens, cujas relações são incapazes de criarem identidade de grupo.

A terceira categoria de excesso constitui-se na pessoa do indivíduo na medida em que ele - na terceira pessoa - acredita estar no centro do mundo, colocando-se como referência para interpretar as informações que lhes chegam. Mas essa tradução individual do mundo é incapaz de tecer representações coletivas.

Pesquisa antropológica da alteridade

Na modernidade atual, ou supermodernidade, podem ser percebidos mais fatores de aceleração do tempo ou da ruptura que os excessos em relação ao tempo trazem. Para Augé essas rupturas fazem com que a Antropologia atravesse uma brusca mudança, em especial, quanto à pesquisa antropológica, que para ele pode ser estabelecida através de duas ocorrências. A primeira diz respeito à pesquisa antropológica que aqui é tratada na questão do outro.

Assim, a Antropologia, ou seja, a pesquisa antropológica:

[...] trata de todos os outros que se define em relação a um 'nós' supostamente idêntico (nós para franceses, europeus ocidentais), o outro dos outros, o outro étnico ou cultural que se define em relação a um conjunto de outros supostamente idênticos, um 'ele', na maioria das vezes, resumindo por um nome de etnia; o outro social: o outro do interior, com referência ao qual se instituiu um sistema de diferenças que começa pela divisão dos sexos, mas que define, também, em termos familiares, políticos e econômicos, os respectivos lugares de uns e de outros, de modo que não é mais possível falar de uma posição dentro do sistema (primogênito, caçula, segundo filho, patrão, cliente, escravo...) sem referência a certo número de outros; o outro íntimo, enfim, que não se confunde com o procedente, que está presente no cerne de todos os sistemas de pensamento, e cuja representação universal responde ao fato de que a individualidade absoluta é impensável: a hereditariedade, a herança, a filiação, a semelhança, a influência são categorias por meio das quais se pode apreender uma alteridade complementar e, mais ainda, constitutiva de toda individualidade. (AUGÉ, 2012, p.22-23).

Para o autor a pesquisa antropológica tem por objetivo saber compreender a forma de interpretação que "outros" fazem da categoria do outro, nos diferentes níveis que se situam o lugar dele e se impõem suas necessidades.

A segunda ocorrência diz respeito ao mundo onde a Antropologia descobre seus objetos e principalmente ao mundo contemporâneo. O mundo contemporâneo que, devido às suas transformações aceleradas, chama o olhar antropológico sobre a categoria alteridade. Pode-se pensar a alteridade sobre três transformações de organização social.

A primeira diz respeito, não somente a percepção do tempo, mas ao uso que fazemos dele, como dispomos desse tempo. O ideal de progresso humano é descaracterizado perante as guerras, genocídios, intolerância e violência.

A categoria tempo, devido ao mundo *high tec*, é acelerada. Hoje, o ontem já é História, tudo se torna acontecimento e que, por haver tantos fatos, já nada é acontecimento. Um objeto pode ser analisado de múltiplas formas, isso se dá devido à busca do ser humano em conferir sentido ao mundo.

Para Augé:

é, portanto, por uma figura do excesso – o excesso de tempo – que se definirá primeiro, a situação de supermodernidade, sugerindo que, pelo próprio fato de suas contradições, ela oferece um magnífico campo de observação e, no sentido lato do termo, um objeto para a pesquisa antropológica. (AUGÉ, 2012, p.32-33).

Dessa forma, organizar o mundo a partir da categoria tempo já não tem mais sentido.

A segunda transformação acelerada, própria do mundo contemporâneo é a figura do excesso. Do excesso de espaço às constantes transformações espaciais, à mobilidade social, à troca de bens e serviços e ao enorme fluxo de informação, todos nos levam a pensar que o mundo encolheu.

Assim o autor nos ensina:

Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados ou refugiados do planeta. (AUGÉ, 2012, p.36).

A terceira figura de excesso é a do ego, do indivíduo, que retoma na reflexão antropológica e na falta de novos campos, num universo sem territórios.

A Antropologia pós-moderna origina-se de uma análise da supermodernidade cujo método redutivista (do campo ao texto e do texto ao autor) não passa de uma expressão particular. Nas sociedades ocidentais, o indivíduo quer um mundo para ser seu mundo.

Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência. Nesse sentido, o lugar de nascimento é constitutivo da identidade individual [...] o que equivale a dizer que, num mesmo lugar podem coexistir elementos distintos e singulares, sem dúvida, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações, nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum. (AUGÉ, 2012, p.53)

Augé ainda ensina que “o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima” (Augé, 2012, p.53).

Não lugares como lugares em que os destinos se comungam no anonimato

A modernidade traz consigo as temporalidades do lugar, que se fixam no espaço e na palavra. A distinção entre lugares e não lugares passam pela oposição do lugar ao espaço.

Para Augé, “o lugar antropológico é a possibilidade dos percursos que nele se efetuam, dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza” (AUGÉ, 2012, p.75)

O termo “espaço” em si mesmo, é mais abstrato do que o de “lugar”, que o autor diz referir-se a um acontecimento que ocorreu a um mito (lugar dito) ou a uma história (lugar histórico).

O termo “espaço” para Augé se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou mais pontos. “Deixa-se um ‘espaço’ de dois metros entre cada mourão de uma cerca, ou a uma grandeza temporal ‘no espaço de uma semana’” (AUGÉ, 2012, p.77).

O autor afirma que por não lugares pode designar duas realidades completamente diferentes, porém distintas: espaços constituídos em relação a determinados fins: transporte, comércio, lazer e a relação que os indivíduos mantem com esses espaços.

Todas as camadas que recebem, quaisquer que sejam, informações das estradas, dos centros comerciais ou de centros bancários; estas informações são fabricadas e muitas vezes individualizadas. Por exemplo: a travessia de um sinal vermelho é automaticamente registrada e o carro culpado identificado por foto; todo cartão de crédito possui um código de identificação, dessa forma é o não lugar que cria a identidade partilhada dos passageiros, dos clientes e dos motoristas.

Para Marc Augé, o usuário do não lugar é sempre obrigado a provar sua inocência. O espaço do não lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude.

Segundo o autor:

na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não lugares. Lugares e não lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. (AUGÉ, 2012, p.98).

E, por derradeiro, Augé afirma que:

É no anonimato do não lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos. Haverá, portanto, espaço amanhã, talvez já haja espaço hoje, apesar da aparente contradição dos termos, para uma etnologia da solidão” (AUGÉ, 2012, p.110).

Ou seja, estamos fadados a vivermos solitários?